



Conferência

“As TIC e a Saúde no Portugal de 2012”

APDSI avalia impacto das TIC no setor da Saúde

Lisboa, 11 de dezembro - As oportunidades criadas e os desafios que o futuro apresenta em virtude da aplicação das novas tecnologias à área da Saúde foram hoje alvo de discussão na **conferência realizada, pelo terceiro ano, pela APDSI** - Associação para a Promoção e Desenvolvimento da Sociedade da Informação.

“As TIC e a Saúde no Portugal de 2012” decorreu poucos dias após a Comissão Europeia ter aprovado o Plano de Ação eHealth 2012-2020 (a 7 de dezembro).

Henrique Martins, Assessor do Secretário de Estado da Saúde, começou por salientar que **os tempos de dificuldades económicas que atravessamos estão a provocar um crescente interesse do Governo pelas tecnologias da saúde.** “A evolução tecnológica é normalmente o que pressiona a legislação, a própria política não sabe da tecnologia; esta é trazida pelo setor académico e privado à mesa da discussão da necessidade”, começou por clarificar. Tendo o setor académico, civil e privado o dever de apresentar as novidades tecnológicas para se avaliar a sua melhor utilização, precisam, contudo, de **regulação para chegarem a bom porto e trabalharem em conjunto.** 2011 foi um ano de mudança política e, portanto, de alteração nos setores de TIC (Tecnologias para a Informação e Comunicação) com presença no Sistema Nacional de Saúde “com a priorização dos serviços partilhados (compra centralizada, plano estratégico de saúde e a criação do GPTIC - Grupo de Projeto para as Tecnologias de Informação e Comunicação)”. Com esta evolução, “tem havido uma tensão natural entre programas para o cidadão e para os profissionais de saúde; tem havido uma espécie de competição entre estes dois”, afirmou Henrique Martins.

No alinhamento europeu, Portugal tem tido um desempenho considerável, desde iniciativas privadas que se estendem pela União Europeia, até áreas públicas e académicas. “Somos vistos como um país homogéneo, como um país com boas tecnologias para a saúde”, concluiu o Assessor do Secretário de Estado da Saúde.

Quanto ao futuro, passa, de acordo com este orador, pela poupança em custos e em investimento nas TIC, também pela **aposta, no caso português, no turismo de saúde** e pela normalização de todos os sistemas já implementados.

Rui Vilar, embaixador do Global eHealth Ambassadors' Program, salientou a importância das TIC na melhoria da prestação dos cuidados de saúde, nomeadamente nas campanhas de natureza preventiva e na construção de bases de dados. “As diferentes TIC funcionam como auxiliar de leitura de diagnósticos e contribuem para a atualização científica e técnica dos agentes da saúde”, afirmou.

Rui Vilar apresentou as evoluções na área da eHealth e os seus diferentes protagonistas (embaixadores) ao longo dos anos, estabelecendo como objetivo futuro do projeto a angariação de mais mulheres para o seu seio. O embaixador do Global eHealth Ambassadors' Program alerta para a preocupação que deve existir com o ambiente das práticas dentro das quais as TIC podem cooperar para melhorar os resultados. Este ambiente varia consoante a região e o país, por isso, os modelos organizacionais são diferentes e têm que ser adaptados ao respetivo ambiente. “O uso do telemóvel estará na linha da frente, juntamente com a Internet. O potencial da eHealth pode permitir o desenvolvimento noutras domínios educativos como a educação ou o comércio. Os pobres precisam, não só de mais saúde, mas de uma vida melhor”, preconiza Rui Vilar.

Gonçalo Oliveira, Diretor de Consultoria Empresarial da Portugal Telecom, apresentou diversas estatísticas que apontam para crescimentos significativos na área dos smartphones e tablets o que, complementado pela voz, faz com que passemos a ter mais do que um simples cartão de telefone. “Já ninguém tem um telemóvel só para fazer chamadas. Estamos a aproximar-nos de uma utilização massiva, se o combinarmos com tecnologias cloud, que têm que proteger os dados dos utilizadores deste tipo de solução”, observou Gonçalo Oliveira.

Com base em estatísticas apresentadas na conferência, concluiu-se que **há vários dispositivos móveis que vão passar a fazer parte da saúde como componentes fundamentais de todo o processo.** “Os dispositivos móveis e biossensores estão a alterar a forma como gerimos a nossa saúde e os utentes já interiorizaram que a tecnologia está nas suas mãos”, referiu.

Henrique Martins voltou a falar sobre as seis grandes áreas de intervenção plasmadas na “Agenda Digital 2015 Europa e Portugal”: investigação e desenvolvimento, iliteracia, qualificação e inclusão digital, acesso à banda larga e mercado digital, combate à fraude e evasão fiscais contributivas e prestacionais, resposta aos desafios sociais, empreendedorismo e internacionalização do setor das TIC. A Comissão Interministerial para a Agenda Portugal Digital elabora anualmente um relatório de progresso conseguido. Até 2015 pretende-se que seja feita uma consolidação da infraestrutura de suporte ao Sistema de Informação da Saúde, que seja implementada a plataforma de dados de saúde e que haja um aprofundar da prescrição e requisição eletrónica desmaterializada permitindo um maior desenvolvimento dos serviços de proximidade digital. Deste modo ficou demonstrado que o tecido empresarial e empresas têm um papel importante para impulsionar o desenvolvimento tecnológico no setor da saúde.

Apresentação de casos práticos

Durante a conferência foram apresentados diversos casos práticos de experiências bem sucedidas com as TIC na área da Saúde.

Artur Paraíso, do Instituto Português do Sangue e da Transplantação, deu como exemplo a importância dos telemóveis na informação de alteração dos postos de recolha, por exemplo.

Rui Gomes, do Hospital Professor Fernando Fonseca, confrontou o ambiente digital atual de uma unidade hospitalar com os tempos iniciais da introdução de computadores naquele ambiente. Parra isso, Rui Gomes mostrou como funciona hoje em dia um hospital com dispositivos móveis e como é trabalhar na “nuvem”. “Tudo o que pode interagir com a infraestrutura pode trazer dores de cabeça”, advertiu, com a nota da necessidade de haver um Mobile Device Management.

Filipa Fixe, da Portugal Telecom, apresentou o caso Medigraf, que aposta na virtualização e na comunicação não presencial para a “promoção de melhores cuidados de saúde a custos controlados”. Segundo os dados apresentados na conferência, a Medigraf, já fez mais de 10 mil consultas desde o seu lançamento.

Paulo Sousa, da Maxdata, trouxe uma apresentação com as vantagens da utilização dos sistemas de informação e as TIC enquanto “agentes transformadores”.

Ana Rita Pereira, da Accenture, exibiu o caso da Osakidetza, o Centro de Serviços de Saúde do País Basco, que começou por ser um problema devido aumento de custos que não acompanhados pelo aumento da riqueza. Os doentes crónicos correspondiam a 77% da despesa pública antes da intervenção da Accenture que provocou uma redução significativa neste valor.

Raul Mascarenhas, em representação dos SPMS - Serviços Partilhados do Ministério da Saúde - falou sobre o PD-SIS que assenta em dois eixos de actividade: o estratégico e o operacional. O Plano de Desenvolvimento do Sistema de Informação da Saúde estabelece como objetivos estratégicos a otimização dos processos de recolha de dados e a utilização mais racional e eficiente dos recursos disponíveis através de, entre outras medidas, serviços partilhados. Este plano prevê medidas conducentes à redução das despesas nas TIC no setor da saúde.

Enquanto Coordenador da Comissão para a Informatização Clínica, Henrique Martins, expôs o funcionamento da Plataforma de Dados de Saúde, que se constitui como um sistema de partilha de dados de saúde, que os apresenta aos diferentes agentes da prestação de cuidados (utentes, profissionais do SNS e de fora do SNS) através de portais específicos.

Miguel Peixoto, responsável pelo setor de saúde da EVERIS em Portugal, apresentou o exemplo prático da hotelaria e de como esta área se relaciona com a saúde, nomeadamente, no que toca à gestão de camas e refeições.

Cristina Semião, directora do setor público da IBM, alertou para a “necessária transformação em áreas chave”, ou seja, são necessários melhores resultados clínicos que assentem num “modelo mais centrado no paciente” e melhores resultados operacionais. Segundo a informação exposta na apresentação de Cristina Semião, mais de 80% da informação médica arquivada não é estruturada. Para resolver esta percentagem a IBM desenvolveu o “IBM Content and Predictive Analytics for Healthcare”. Foi dado o mostrado o Seton Healthcare Family em vigor no Texas, nos Estados Unidos; um sistema que identifica pacientes com similaridade de doença e consegue prever, com base em dados estatísticos, a hipótese de reinternamento.

Rui Henriques, da Glintt, deu conta de uma nova perspectiva de gestão na criação de valor; chama-se “mobilidade integrada num sistema global de informação”.

Joaquim Cunha, da Health Cluster Portugal, concluiu lançado o desafio da priorização das TIC como instrumento precioso na reputação internacional na área da saúde.

Coordenada por Helena Monteiro, docente universitária e investigadora no Centro de Administração e Políticas Públicas, a conferência teve por objetivo tornar públicas as atividades que estão a ser aceleradas depois da adoção das TIC nas questões relacionadas com a Saúde, dando a conhecer a situação de Portugal no atual quadro político e económico.

A iniciativa foi desenvolvida em articulação com entidades do Ministério da Saúde, entidades prestadoras de cuidados de saúde públicas e privadas, com instituições universitárias e com fornecedores de soluções e tecnologias.

A conferência realizou-se no Auditório do Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa.

Sobre a APDSI

Criada em 2001, a APDSI tem por objectivo a promoção e o desenvolvimento da Sociedade da Informação e Conhecimento em Portugal, reunindo com este interesse comum indivíduos e empresas. Na linha destes propósitos a Associação para a Promoção e Desenvolvimento da Sociedade da Informação tem vindo a desenvolver diversas actividades, onde se destacam uma série de estudos realizados por grupos de trabalho multidisciplinares sobre os vários temas da actualidade na Sociedade da Informação, nomeadamente Administração Pública, Aprendizagem, Justiça, Saúde, Educação, Comércio e Negócio Electrónicos. Em todos estes trabalhos a APDSI procura identificar as tendências de evolução e também as interacções entre as tecnologias e outras dimensões sociais e económicas, contribuindo com uma visão mais aberta para a discussão e eficaz implementação destes conceitos na Sociedade Portuguesa. A APDSI tem o Estatuto de Utilidade Pública e foi recentemente reconhecida como ONGD.

Para mais informações contacte:

Daniela Azevedo

Comunicação e Imagem

APDSI - Associação para a Promoção e Desenvolvimento da Sociedade da Informação

Rua Alexandre Cabral, Nº 2C - Loja A

1600-803 Lisboa, Portugal

Tel.: +351 217 510 762

E-mail: noticias@apdsi.pt

Sítio na web: <http://www.apdsi.pt>

Facebook: <http://www.facebook.com/apdsi.portugal>